

S. João Baptista  
'Stá todo ratado:  
Rataram-no as moças  
O ano passado.

Mafra.

## II

### As Maias

#### Costumes populares portuguezes

##### ADVERTÊNCIA DA 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Em 1882 publiquei no *O Tírocinio*, de Barcelos, n.<sup>os</sup> 11 e 13 (Julho), o trabalhinho que vai ler-se, do qual se fêz separata em opúsculo de 8 páginas,—edição de poucos exemplares, quási para logo esgotados<sup>1</sup>.

Havendo-me algumas pessoas pedido exemplares, e não os possuindo eu para os dar, resolvi reimprimir o opúsculo, o que realizo hoje, com pequeníssimas alterações. Pôsto que eu pudesse aumentá-lo e desenvolvê-lo, pois que de 1882 para cá tenho coligido muitos materiais sôbre êste assunto, não o faço, porque reservo êsses materiais para um volume sôbre *Calendário popular*, que será o 2.<sup>o</sup> da *Bibliotheca Ethnographica portuguesa* que inaugurei em 1882 com as *Tradições populares de Portugal*<sup>2</sup>.

Lisboa, 10 de Março de 1904.

---

<sup>1</sup> Primeiro tinha sido publicado no *Pero Gallego*, de Viana do Castelo, n.<sup>o</sup> 19 (Julho de 1882).

<sup>2</sup> [O plano desta *Biblioteca* ficou prejudicado com a publicação da *Etnografia Portuguesa*: vid. o vol. I

CARTA AO ILUSTRE FOLKLORISTA HESPAÑHOL,  
O S.<sup>OR</sup> D. F. RODRÍGUEZ MARÍN

*Meu caro amigo:*—Respondendo à sua carta de 7 do corrente, aqui lhe deixo reunidos os factos que conheço, ou, pelo menos, os que me ocorrem agora, a respeito dos costumes portugueses das *Maias*.

A mais antiga menção desta festa popular, festa evidentemente naturalística, pôsto que mais ou menos desviada da sua significação primitiva, já pelo próprio Paganismo, já pelo Cristianismo, creio que se acha nestas linhas da *Postura* da câmara de Lisboa de 1385: «Outro sim estabelecemos que daqui em diante em esta Cidade e em seu termo nom se cantem Janeiras nem *Mayas*, nem a outro nenhum mes do ano....». Apud *Ethnogr. Port.*, de F. A. Coelho, § 35)<sup>1</sup>.

As *Maias* propriamente ditas constam de duas partes: o enramalhamento das portas, e o *Maio-moço*. Tratemo-las em separado.

I.—No primeiro de Maio, no Douro, Beira-Alta, Minho, etc., enfeitam-se as portas das casas com ramos de giestas amarelas, chamadas *Maias*,

---

desta obra, pp. 345–346. O Calendário popular, de que se fala no texto, virá a fazer parte da *Etnografia*].

<sup>1</sup> Esta é a mais antiga menção que conheço, excepto se se referem também a esse costume as disposições do concílio de Braga do séc. vi: «Non liceat iniquas observationes agere «Calendarum» et otis vacare gentilibus: «neque lauro, aut viriditate arborum cingere domos». Omnis haec observatio Paganismi est. («Collectio concil. Hispan.»,—Madridi 1603, cap. LXXIII).

que aqui no Pôrto são vendidas pelas ruas no último de Abril. O povo dá dêstes costumes duas explicações, conforme eu disse num folhetim inserto na *Vanguarda*, n.º 20; de 1880, onde pela primeira vez em Portugal publiquei cantos de Maio, adiante reproduzidos: *a)* Quando a Virgem foi para o Egipto, deixou pelo caminho muitos ramos de giesta para se não enganar na volta<sup>1</sup>; *b)* Quando Jesus Cristo nasceu, os Judeus procuraram-no para o matarem, e, como soubessem que êle estava em certa casa, colocaram-lhe à porta um ramo de giesta, a fim de no dia seguinte o prenderem. Nesse dia, porém, tôdas as casas da povoação apareceram marcadas, e os Judeus não puderam dar com êle<sup>2</sup>.

Em Vermoil<sup>3</sup>, o costume sofre uma modificação: as cortes do gado são enfeitadas com ramos de carvalho, ao que chamam *maiar o gado*.

II.—As *Maias* celebram-se assim, no 1.º de Maio, ao pé de Viseu: vestem-se muito asseadas várias crianças, à imitação de anjos, com coroas de rosas do campo na cabeça, asas de giesta, as quais crianças vão de casa em casa a cantar:

Vêde-lo Maio,  
Maio anão;  
Vêde-lo Maio  
Pelo rêgo do pão.

---

<sup>1</sup> Cf. o conto pop. port. em que os meninos deitam também no caminho, com o mesmo intuito, cascas de nozes, etc.

<sup>2</sup> Ouvi já também um conto popular em que se nota uma circunstância idêntica.

<sup>3</sup> Segundo Th. Braga, *Orig. poet. do Christ.*, p. 286.

Aprontai, pastores,  
Os ramos e flores,  
Que a cruz de Maio<sup>1</sup>  
Nos chama já.  
Florindinha  
Que bela está!

Recolhida em 1877.

Em Briteande, ao pé de Lamego, canta-se:

Meu Maio-moço	O meu Maio-moço
Chama-se João:	Chama-se Francisco:
Anda na campanha	Anda na campanha
Por ser valentão.	Servindo a Cristo.

ESTRIBILHO

Hortas abaixo,  
Hortas acima,  
Viva! viva! viva!

Em Lamego:

O meu Maio-moço  
Êle além vem  
Vestido de branco<sup>2</sup>  
Que parece bem.

ESTRIBILHO

Êle além vem  
Pelas hortas acima;  
Êle além vem  
Pelas hortas abaixo.  
Viva, viva o Maio!

---

<sup>1</sup> Note-se que em Hespanha a festa das «Mayas» celebra-se no dia da Cruz (3 de Maio).

<sup>2</sup> Variante: «Vestido de verde» (T. Braga, *op. cit.*, p. 238).

Segundo outra versão da Beira-Alta (Vouzela), andam as crianças vestidas de *Maias*, com giestas, pedindo pelas portas e cantando:

A flor da giesta,  
Quem a tem, logo a empresta.

A flor da cana,  
Quem a tem, logo a apanha.

Em Alvações-do-Corgo (Trás-os-Montes) anda pelas ruas um rapaz vestido de giestas floridas, formando as da cabeça uma pirâmide. Cercam-no outros rapazes e raparigas, cantando e dançando com o sentido de que lhes dêem alguma coisa. O que se canta é:

Vêdes o Maio  
Maio, mocinhas!  
Vamos à caixa  
Das castanhinhas<sup>1</sup>.

Êste Maio, moças,  
Chama-se João.  
Anda na campanha  
Feito capitão!

Êste Maio, moças,  
Era boticário:  
Vendeu a botica  
P'ra comprar um saio.

O saio era rôto,  
Botica perdida:  
Agora, meu Maio,  
Procura tua vida.

Êste Maio, moças,  
Chama-se Francisco:  
Anda na campanha  
Perdido no cisco.

Êste Maio, moças,  
Chama-se José:  
Anda na campanha  
Quebrou um pé.

---

<sup>1</sup> Alude à superstição de que quem não comer castanhas no 1.º de Maio leva o burro (Beira-Alta, etc.). Em Vouzela as castanhas sêcas ou piladas chamam-se *maias*. Em Taboação anda pelas ruas, no 1.º de Maio, um rapaz muito enfeitado a gritar com voz muito prolongada: «Castanhas ó (ao) Maio...».

ESTRIBILHO

Êle lá vai,  
Êle lá vem,  
Pelas hortas  
De Santarém!  
Viva! viva!  
Viva o Maio!

Noutras partes, o costume modifica-se, por exemplo, no Algarve: «Em quasi todas as casas é costume arranjar-se uma grande boneca de palha de centeio, farelos e trapos, que depois vestem de branco e cercam de flores. Chamam-lhe a *Maia*. A boneca é collocada sempre no meio da casa e de modo que seja vista por todas as pessoas que passam pela rua. Vem a noite, e começam os bailes em redor do mono, cantando as raparigas uma infinidade de cantigas, tais como:

O meu Maio-moço	O meu Maio-moço
Elle lá vem,	Chama-se João,
Vestido de verde,	Faz-me guarda á casa
Que parece bem.	Como um capitão.

ESTRIBILHO

Elle lá vae  
Por hortas abaixo,  
Elle lá vae  
Por vinhas acima:  
Viva, viva, lá  
Que passe muito bem!»<sup>1</sup>.

Nas províncias, e com especialidade no Algarve, muita gente das cidades e vilas vai *armar a Maia*

---

<sup>1</sup> Reis Damaso, «Trad. poeticas do Algarve», in *A Vanguarda*, n.º 47, de 1881.

na sua fazenda e festejá-la com banquetes, cantigas, etc.<sup>1</sup>

Em Lagos era costume festejar o 1.º de Maio com uma procissão em que ia um rapaz a cavalo e ornado de muitas flores e jóias emprestadas; diz-se que um Maio fugiu uma vez.—Esta tradição é comum a outras terras, onde se tem como ofensa perguntar *se já voltou o Maio*<sup>2</sup>.

Em Beja, a *Maia* é uma criança vestida de branco, que está tôda a tarde sentada numa cadeirinha, enquanto à volta outras crianças tocam adufes e cantam<sup>3</sup>.

Bluteau diz também no *Vocabulario*<sup>4</sup>: «Mayas ainda se usam em Portugal nos Domingos e dias Santos no mez de Mayo, pondo-se em algumas ruas humas mezas, cobertas com alcatifas ou outros pannos, e se assenta em cada uma d'ellas huma menina ou moça, bem vestida, e adornada com flores, que pede dinheiro ás pessoas que passam». Segundo o mesmo autor, os rapazes cantavam em Maio:

Viva o Maio çarambola<sup>5</sup>  
Que êle vai jogando a bola!

Não quero terminar esta carta, sem lembrar mais uma notícia.—Encontraram-se uma vez dois

---

<sup>1</sup> *Rev. de Ethnolog. e de Glottolog.*, de Ad. Coelho, p. 63.

<sup>2</sup> *Rev. de Ethnolog. e de Glottolog.*, p. 63. Cf. os meus *Dictados topicos de Portugal*, n.º 23.

<sup>3</sup> Th. Braga, *ibid.*, p. 285.

<sup>4</sup> Ap. Ad. Coelho, *ibid.*, p. 63. Bluteau faleceu em 1734.

<sup>5</sup> Sôbre «carambola» vid. *Bibliogr. critica*, p. 64.

namorados, na manhã do primeiro de Maio: êle ia para a lavoura com a sua grade às costas, ela vinha da fonte. Pegaram de conversar, e em tão boa hora, que, quando despegaram, era já noite. Ela então, aludindo a que o amor, por mais tempo que dure, parece um momento, cantou esta cantiga, que o povo ainda hoje repete em muitas partes (Minho, Beira-Alta) juntamente com o conto:

Dia de Maio,  
Dia de má ventura,  
Inda agora era manhã,  
Já é noite escura.

A cantiga e o conto são tanto mais dignos de nota, quanto é certo que no dia da festa romana chamada *Floralia*, que parece ter alguma analogia com as nossas Maias, havia corridas de pessoas ornadas de rosas, para, com a rapidez delas, simbolizarem o *valor efêmero* dos encantos da vida<sup>1</sup>.

Pôrto, Junho de 1882.

(Êste *opúsculo* é reprodução da 2.<sup>a</sup> edição, feita em Lisboa, em 1904).

---

<sup>1</sup> Cf. Preller, *Les dieux de l'ancienne Rome*, p. 265. [Os costumes relativos ao 1.<sup>o</sup> de Maio têm sido últimamente objecto de muitos estudos comparativos, que os relacionam com antiquíssimas festas da Primavera, em que, por vários modos, se pensava despertar a fertilidade da Natureza, adormecida durante o Inverno, e evitar que os maus espíritos prejudicassem os campos e o gado. Vid. *Handwörterbuch des deutschen Aberglaub.*, III 161 sgs., e V 1:512 sgs.].